

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

MEMORIAL

“Minha história do ensino da história: história vivida, ensinada e contada.”

FABÍOLA FLORENCIO DA SILVA

Memorial entregue como parte da  
avaliação da disciplina de Ensino de  
História do programa de mestrado  
profissional/PROFHISTÓRIA

OUTUBRO DE 2016

Cabo Frio – RJ

**Fabíola Florencio da Silva participou do PROFHISTÓRIA (Entrega do memorial – 03/2018)**

Escrever um memorial que tem como título “Minha história do ensino da história: história vivida, ensinada e contada” é um grande desafio, pois envolve olhar para dentro de si e revirar os mais variados sentimentos, trazer a tona uma memória pouco revelada, é também reavaliar e avaliar com cuidado a minha prática docente, algumas vezes desgastada e muitas outras renovada, marcada por momentos de encontros e desencontros, satisfação e sucesso e outros nem tanto.

Não poderia falar da minha trajetória como professora sem mencionar as escolhas que fiz ao longo da minha jornada antes mesmo de pensar em ser professora, pois contribuirão para definir mesmo que indiretamente a minha vida profissional. Sou a terceira de um total de quatro filhos de um casal pobre, que buscou com muito trabalho meios para dar condições melhores de vida à sua família, nesse sentido seus esforços se centraram numa boa educação como forma da gente ascender econômica e socialmente. Fomos matriculados, nos anos 80, numa escola particular para termos a formação inicial, no Jardim Escola Glauber Rocha, no município de São João de Meriti na Baixada Fluminense onde fui criada, longe do que sugere o seu nome do patrono da escola, o ensino era bem tradicional. Terminando essa primeira etapa de estudo, saímos dessa escolinha para outra para dar continuidade ao ensino fundamental. Minha irmã mais velha escolheu um colégio católico, o que não foi seguido por mim e nem por meus outros irmãos. Fui matriculada num colégio onde pretendia concluir o ensino básico. Apesar de não ter a excelência no ensino das escolas católicas do município, o Colégio Fluminense era considerado uma boa escola. Seu reconhecimento se dava em parte pela famosa Feira Ocupacional que ocorria uma vez ao ano, onde todos os alunos se envolviam e apresentavam um projeto. A feira durava um dia inteiro e era aberta a comunidade. Foi um ano surpreendente, a começar pela mudança de uma escola pequena de bairro para uma grande, um mundo! No ano seguinte, ao renovar a matrícula não tinha mais vaga para o turno que estudava e não estaria mais com a minha turma querida. Minha irmã, que estava a uma séria antes de mim, já havia decidido ir para uma escola pública estadual e acabei indo com ela para a mesma escola por falta de opção.

A partir daí posso dizer que as minhas escolhas foram definindo o meu lugar na sociedade. Cursei no início da década de 1990 da antiga 6ª à 8ª série do Ensino Fundamental nesta mesma escola, pois lá não tinha à época ensino médio. Enfrentamos os problemas de uma escola pública, falta de professor, turmas cheias e com alunos em distorção idade/série e uma heterogeneidade que não estava acostumada, pois tinha acabado de sair da rede privada. Apesar de ser pobre como todos que ali estavam alguns tinham condições bem precárias de vida, moravam em comunidades dominadas pelo tráfico que se fazia presente pelo uso da violência. Também era comum estarem expostos à violência dos grupos de extermínio. Não me viam como parte da sua comunidade e o convívio com estes colegas era por vezes conflituoso. Esse choque cultural ampliou o meu olhar perante a sociedade. Fui aos poucos construindo nas relações interpessoais o meu espaço e aprendendo a lidar com as diferenças e principalmente, respeitando-as.

Ao término do ensino fundamental, o ideal para quem vem de família pobre onde os estudos se encerravam no ensino médio, seria escolher um curso técnico para ingressar mais rapidamente no mercado de trabalho. Não segui esta lógica e contrariei as expectativas dos meus pais e em especial da minha mãe que acompanhou mais de perto tal questão. Acabei indo fazer "nada", formação geral, porque escolhi estudar num CIEP, na verdade em um Ginásio Público – GP que tinha como objetivo a complementação dos estudos da educação básica. A escola era nova e selecionou por meio de prova seus primeiros alunos. Oferecia ensino integral, mas era opcional. Para convencer minha mãe de minha escolha prometi que faria faculdade ao terminar os dois anos do ensino médio (na época o ensino médio no GP era composto por 9º. e 10º. ano). Tive professores, em sua maioria recém-formados, eram militantes e engajados num projeto de educação que estava muito ligado à ideia de construção de cidadania, de uma sociedade justa e igualitária. Vivi uma educação pensada e voltada para a transformação da sociedade e que se confrontava o projeto de governo neoliberal.

As aulas de História, Sociologia e Literatura, assim como as oficinas de expressão corporal, a participação do grêmio estudantil e jornal da escola, atividades que eram desenvolvidas no contraturno, contribuíram para definir a escolha do curso de graduação e a manter firme a promessa que fiz a minha mãe. Foi assim que decidi que seria professora e não apenas professora, mas professora História de escola pública, pois me baseava no modelo dos professores que admirava e assumia a partir daquele

momento um compromisso com a sociedade, pois via na educação um caminho viável para sua transformação. Assim como fui afetada pelo engajamento dos meus professores que ajudaram na construção de uma visão crítica e política, queria afetar outros e dar continuidade ao projeto de transformação da sociedade, pois via no profissão de professor um papel essencial de agente transformador.

Em 1996 participei como aluna do Pré-Vestibular para Negros e Carentes – PVNC, curso criado como alternativa para aqueles com dificuldades de acesso ao ensino superior, principalmente os estudantes de grupos populares e discriminados. O PVNC também surgiu visando a articulação de setores excluídos da sociedade para uma luta pela democratização da educação, em especial no âmbito do ensino superior. Era coordenado pelo frei franciscano, Davi Raimundo dos Santos, que fundou em 1992 o projeto Educafro (Educação e Cidadania de Afrodescendentes e Carentes). Foi graças ao convênio entre a universidade e o movimento que entrei como aluna bolsista e cotista na Pontifícia Universidade Católica PUC - Rio no ano de 1997. Retornei ao PVNC como professora de espanhol no ano seguinte, pois fazia parte do compromisso que assumíamos com o projeto dar a nossa contribuição. Optei pelo espanhol porque havia concluído o curso e não me sentia segura ainda para ministrar aulas de História.

Iniciava naquele ano a minha trajetória de formação acadêmica e busca de concretização de um projeto de vida. Não fui para a universidade pública como desejava, fiz vestibular para a Universidade Federal Fluminense - UFF, mas perdi a prova de segunda fase por não conseguir chegar a tempo. Apesar da frustração de ter estado tão perto de entrar para universidade dos meus sonhos, a qual havia escolhido para dar seguimento ao meu projeto, não poderia negar a oportunidade de uma formação numa universidade renomada.

Já matriculada no curso de Licenciatura e Bacharelado em História enfrentava todos os dias uma maratona para chegar às aulas saindo ainda de madrugada da Baixada Fluminense para a Gávea, zona sul do Rio de Janeiro. Horas da minha vida fora perdidas devido ao caos do trânsito e precariedade do transporte público. Infelizmente, este não foi único desafio que enfrentei durante a graduação. Nos períodos iniciais me surpreendi com um curso mais voltado para a formação acadêmica, focado no bacharelado, privilegiando a formação do historiados e isso ia à contramão dos meus projetos.

Ainda em 1997, em agosto precisamente, comecei a participar junto com outros alunos da graduação do projeto Ler, e escrever para contar – documentação, historiografia e formação do historiador, onde docentes-pesquisadores atuantes na pós-graduação ministravam oficinas semanais. O projeto era coordenado pelo professor Ilmar R. Mattos, patrocinado pela CAPES e referido ao PROIN – Programa de apoio à integração graduação – pós graduação e durou até dezembro de 1998.

Apesar do distanciamento do meu objetivo principal, participar deste projeto foi engrandecedor, pois tive a oportunidade de conhecer um pouco mais sobre o ofício do historiador, o que era uma novidade para mim. Lembro que, duas oficinas em especial foram mais impactantes, não só pelo tema, mas pela apresentação do mesmo pelos professores. A oficina de História e Memória – Jogos da memória apresentada por Margarida de Souza Neves e a de História e Instituições de Pesquisa – Biblioteca Nacional e a pesquisa histórica, ministrada por Joaquim Marçal Ferreira de Andrade. O sucesso da segunda oficina citada possibilitou a criação de uma disciplina em Seminário Especial em fotografia para atender a demanda dos alunos. O conjunto de oficinas proporcionou encantamento pelo trabalho do historiador que até então não tinha.

Seguindo a formação acadêmica, de 1999 a 2000 fui bolsista de Iniciação Científica -PIBIC no projeto Ciência e Sociedade, orientada por Ana Maria Ribeiro de Andrade no Museu de Astronomia e Ciências Afins. Minha vida profissional foi pensada e planejada da graduação à bolsa sanduíche na França pela orientadora até ser dispensada por propor um projeto de monografia diferente da sua área de atuação, na verdade continuaria com a linha de pesquisa em história das ciências, mas com outro recorte temporal. Recordo da conversa que tivemos ao ser cortada do programa, as palavras que me pareceram desprezo pela educação, serviram de incentivo, pois, não estava dando certo como pesquisadora, mas poderia ser uma boa professora. Não rejeitei o conselho, mesmo não concordando com esta visão que separa um bom pesquisador de um bom professor, vesti a carapuça e segui meu caminho. Senti mais pela pesquisa que não aconteceu.

Em 2000, a professora Mary Del Priori selecionou seis bolsistas para a pesquisa intitulada “Cultura e Sociedade nas Confrarias e Irmandades do Rio de Janeiro (1750-1850)”, fui selecionada e comecei a pesquisar com os outros bolsistas o arquivo da Irmandade Santa Cruz dos Militares, começamos pela identificação do acervo,

organizamos verbetes documentais e fizemos transcrição dos documentos. Ao término dos doze meses de bolsa, concluímos as etapas da pesquisa e entregamos nossos relatórios técnicos e substanciais à Fundação Carlos Chagas de Amparo à Pesquisa – FAPERJ.

Essas foram as duas principais experiências mais diretas com o ofício de pesquisador, que aliadas a formação acadêmica voltada para a formação do historiador poderiam ter me afastado do meu objetivo de ser professora, mas alguma coisa deu “errado” e minha jornada profissional foi direcionada ao ofício do professor. Mas afinal, não foi com esta finalidade que estava cursando História?!

Fiquei na universidade mais dois períodos além do previsto para a conclusão da graduação, isso ocorreu, em parte, devido à reprovação em Prática de Ensino no ano de 2001. Estava com mais uma colega de turma a frente da organização da Semana História, era tradição do Departamento de História a organização de tal semana fosse realizada por alunos formandos. Escolhemos o tema Utopias e batalhamos com ajuda de outros colegas/parceiros para tornar realidade aquele evento. Tivemos alguns percalços, mas a semana ocorreu e foi durante esse período turbulento que a professora de prática conversou comigo e pediu para que dedicasse às aulas, deixando a organização da semana de história, pois para ela estava tomando muito meu tempo. Tem outros detalhes que não cabe aqui relatar, pois se tratam de questões resolvidas. Fiz a minha escolha e a professora a dela, me reprovou no final de outubro na disciplina. Embora triste e com receio que a reprovação prejudicasse a minha bolsa, segui em frente porque também reprovava a professora em alguns aspectos.

Assim, no final de 2002 encerrei minha jornada naquela universidade e já estava atuando como professora num colégio no município de Belford Roxo há um ano. Trabalhava no turno da manhã com turmas do ensino regular e à noite com turmas do supletivo. O perfil da escola, apesar de particular, atendia a alunos de classe baixa. À noite a maioria dos alunos era composta por trabalhadores que estavam mais interessados na obtenção do certificado do Ensino Médio. Lidar com a indisciplina dos alunos do primeiro turno e a falta de interesse de praticamente todos era desmotivador. Precisei readaptar o conteúdo das séries do ensino fundamental, pois para economizar com professores a direção da escola juntava as turmas porque havia poucos alunos matriculados. Planejava meu material para as aulas e qualquer tentativa de sair da

dinâmica tradicional a qual estavam habituados era um desastre! Lembro-me do horror que senti quando me pediam questionário para estudar, na época não tolerava certas atitudes, mas recorria ao recurso como uma maneira de aproximação com meus alunos. Eu odiava os questionários pela falta de construção de senso crítico e eles me odiavam porque não os ajudava a estudar fornecendo o questionário para decorar a matéria. Elaborava questões que eram na verdade um roteiro de leitura, mas não fiquei livre das famosas perguntas, constantemente vinha um aluno que desejava saber se a resposta estava “daqui até aqui”, apontando com o dedo um trecho do parágrafo. Triste é constatar que até hoje os alunos fazem isso.

Prestei concurso para o estado no ano de 2001, em 2004 fui contratada para trabalhar na vaga do concurso ao qual fui convocada e efetivada no ano posterior. Estava finalmente no lugar que desejava, em sala de aula da escola pública de onde tinha vindo e onde para onde queria retornar. Discurso proferido tantas vezes, pois já havia decidido que a academia não era o meu lugar. Assumi, em fevereiro de 2005, a matrícula no Colégio Estadual Doutor Francisco de Paula Paranhos onde estou até o presente ano. A escola está situada no município de Iguaba Grande e neste momento já estava morando na cidade de Cabo Frio. Escolhi esta escola para trabalhar pela boa referência que tinha da mesma, minha irmã já estava lecionando a disciplina de Língua Estrangeira- Espanhol desde 2002 e falava dos projetos que a escola desenvolvia, da participação dos professores na elaboração desses projetos e de seus alunos. Seus relatos e também a oportunidade que tive de conhecer aquela realidade ao substituí-la quando adoeceu e não quis deixar seus alunos em “falta”, vale ressaltar que fui apenas com o meu conhecimento de curso de línguas para ajuda-los na realização das atividades que ela havia elaborado. Constatei de perto tudo que ela havia falado e não pestanejei na escolha. Hoje apesar dos altos e baixos vividos ao longo desses onze anos lotada no Paranhos, como chamamos, vejo que não poderia ter sido mais feliz na escolha.

Encontrei uma escola viva, onde as reuniões pedagógicas para organização do Projeto Político Pedagógico e planejamento aconteciam em meio a debates e discussões calorosas que nada tinham a ver com a apatia comum de outras escolas que havia conhecido naquele início de carreira. Aquela escola se aproximava com a realidade da escola onde conclui meu ensino médio, ia de encontro com o modelo de educação que acredito e busco para a minha prática. Não demorei para construir parcerias

profissionais, pois nunca acreditei que o trabalho do professor deva ser solitário. Acredito na construção do saber pela coletividade.

No Paranhos pude vivenciar o que acreditava ser o ideal de educação. Em 2006 organizamos a feira multicultural e desenvolvia meu trabalho em sala de aula nesta perspectiva, a feira era a culminância dos trabalhos que nós professores da área de humanas e linguagens desenvolvíamos dentro da proposta do projeto político pedagógico da escola. Nesse mesmo ano fui chamada para trabalhar com um projeto sobre história e cultura afro-brasileira como hora extra numa escola em Cabo Frio, onde havia trabalhado como contratada em 2004. A diretora conhecia meu trabalho realizado em sala e propôs que eu trabalhasse com a temática na disciplina que poderia ser definida como disciplina ou projetos especiais e era chamada ATICOM -Atividades Complementares. Foi uma experiência nova e apesar de não corresponder ao que está proposto na lei 10.3639/03 que trata do ensino de história da história e cultura afro-brasileira e africana, foi um esforço por parte da equipe diretiva de sanar a lacuna na formação dos alunos que foi evidenciada a partir da obrigatoriedade exposta na lei. Por isso também o projeto foi oferecido nas turmas do 3º ano do ensino médio noturno. Para mim foi também uma oportunidade de estudar o conteúdo, pedi ajuda a uma amiga que estava fazendo pós-graduação na Universidade Cândido Mendes e ela compartilhou comigo o material bibliográfico do curso o que me ajudou bastante nessa empreitada. Montei o projeto e organizei com a turma um evento para celebrar o dia da consciência negra onde representantes do movimento negro da região dos Lagos estiveram presentes e os alunos apresentaram os trabalhos desenvolvidos ao longo do ano.

O trabalho que comecei a desenvolver em 2006 com a organização da Feira Multicultural no Colégio Paranhos agregado às aulas ministradas sobre a temática da história e cultura afro-brasileira deu visibilidade e um certo direcionamento para a minha prática docente, aliada ao combate ao racismo. No ano seguinte consegui um contrato na rede municipal em Armação dos Búzios. Em princípio iria ministrar a disciplina de cultura afro-brasileira criada para atender a demanda da lei, mas acabei lecionando história. Mas não deixei de desenvolver o trabalho seguindo esta linha, o que fiz em parceria com os professores da disciplina. Nesse mesmo ano apresentei uma oficina na Jornada Pedagógica do Colégio Paranhos com a temática: qual a cor da nossa identidade? O objetivo da oficina era discutir os conceitos de identidade, pensar a



identidade(s) brasileira e analisar como a música (enquanto manifestação cultural) se apropria do conceito, criando ou recriando o mesmo. A oficina foi oferecida para alunos do Curso Normal, do próprio Paranhos e de mais duas escolas que oferecem o curso da região. Nessa época já nutria um forte interesse em ser professora do curso normal, mas por uma questão de ordem de chegada nunca pode escolher tais turmas.

Ao longo desses onze anos como professora da rede estadual procurei sempre participar dos cursos de formação continuada, pois nos momentos de maior desânimo e descrença eles foram fundamentais para me trazer de volta para o lugar que decidi ocupar. Dentre alguns cursos, destaco dois pelo significado que tiveram na importância do trabalho coletivo para a construção de um projeto de educação ideal.

O primeiro foi no início da carreira no contexto da Reorientação Curricular elaborada pela Secretaria Estadual de Educação onde grupos de trabalho compostos por consultores de instituições do ensino superior sob a coordenação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e professores da rede estadual, com o objetivo de elaborar um documento para cada área de conhecimento, dos diferentes níveis e modalidades de ensino. A primeira versão desse documento foi apresentada em novembro de 2004 aos professores para debate em oficina específica. Este mesmo documento foi enviada para as escolas objetivando ampliar as discussões acerca da proposta. Era professora contratada da rede e não lembro de ter participado desta etapa, não poderia afirmar se este fato ocorreu por negligência da SEEDUC, da equipe diretiva da escola ou minha. Durante o ano de 2005 participei da formação continuada oferecida aos professores regentes que além de examinar e refletir a proposta de Reorientação Curricular objetivava a produção de suportes pedagógicos que complementariam a referida proposta, como um volume denominado Materiais Didáticos. A proposta da construção do material didático, mesmo que a partir de um currículo pronto, era inovadora no sentido de dar voz aos professores, um material pensado por e voltado para a prática dos professores da rede. Além disso, se tratava de uma construção coletiva onde as diferentes práticas e vivências estavam sendo compartilhadas naquele momento. A turma do pólo onde estava participando foi dividida em grupos onde elaboramos uma proposta de aula baseada na novo currículo. O grupo que fiz parte trabalhou o tema de introdução aos estudos históricos para as turmas de 5ª. série do Ensino Fundamental com título, Mas, professora, o que é História? Com o objetivo de apresentar a disciplina em aulas introdutórias,

desvinculando da ideia de memorização de fatos e datas que não possuem relação com a vida dos educandos.

O segundo momento foi mais recente e envolveu em grupos de trabalho praticamente todos professores da escola estadual onde estou lotada. A participação Pacto Nacional Pelo Fortalecimento do Ensino Médio rendeu ótimas discussões sobre os cadernos propostos pelo MEC, ocasião em que selecionávamos as atividades a serem executadas, discutindo como aplicaríamos em busca de melhora da qualidade de nossas aulas. Durante todo o curso foram muito valiosas nossas reuniões, momento único onde professores de diversas áreas pensavam no bem da educação, o que tanto acrescentou na prática docente de toda a escola de forma positiva e dinâmica. Para a culminância dos trabalhos, escolhemos o dia internacional da mulher como tema e o resultado foi surpreendente, pois refletia da melhor forma o fruto bem sucedido do planejamento coletivo presente durante todo o período que estivemos envolvidos. Penso que estagnamos por não termos continuado com este trabalho após o fim das atividades do Pacto.

Hoje sinto a necessidade de uma proposta similar a esta para reaproximar meus queridos companheiros, pois a escola num todo e o corpo docente de uma maneira mais específica está desmotivado e com pouca esperança na educação. Esse quadro é consequência do descaso do governo com a educação e de uma política forte de desvalorização do professor. Também contribuiu para este cenário, pelo menos é o vejo na realidade que estou inserida, um processo pós greve que dividiu a escola em dois grupos, onde as pessoas passaram a se desconhecer em nome de suas verdades. Tudo que batalhamos e construímos durante anos de trabalho em equipe está sofrendo reformulações. Acredito que com o tempo as mágoas, as verdades e até mesmo esta experiência nova que estamos vivendo, darão espaço a um novo olhar para escola retomando o sentido de coletividade e construção de uma educação de qualidade calcada na busca do desenvolvimento pleno do cidadão.

Tenho pensado muito de como foi minha saída da graduação e como está sendo voltar para a universidade para pós-graduação profissional. Essa reflexão ocorre uma vez que não estava nos meus planos e desejos continuar os estudos acadêmicos em História. Vir morar longe das boas universidades me afastou ainda mais do que eu não queria. Hoje retornando para sala de aula como aluna, após longos anos, vejo que a

decisão foi muito acertada. Pois encontrei um espaço acadêmico mais sensível e acessível, isso se deve em parte por estar num programa específico para professores. Estar em sala de aula como aluna tem sido revigorante para a minha prática enquanto profissional e pessoa. Meus alunos já estão percebendo isso, principalmente os da Educação para Jovens e Adultos - EJA da rede municipal de Cabo Frio. Desde que iniciei no ano passado a trabalhar com esta modalidade no diurno, pois é diferente da realidade do noturno, tenho enfrentado problemas para desenvolver meu trabalho e dificuldades para adequar minha prática de forma que consiga atingir meus objetivos. São problemas que ultrapassam a questão da indisciplina e a falta de interesse, a escola está situada numa comunidade dominada pelo tráfico e falta de perspectiva e violência impera no cotidiano dos meus alunos e esta realidade é trazida a todo tempo para a sala de aula. Superar estas questões exige mais que um esforço didático. Nesse sentido, mestrado tem me estimulado e venho me esforçando mais para tornar nosso espaço mais acolhedor e assim construir com eles uma comunidade escolar. O impacto positivo que as vivências em sala são notórias, vontade de dar o meu melhor, sair da zona de conforto e partir para uma prática da educação libertária, progressista! Estava num momento de estagnação profissional, que um ocorre um pouco devido ao cansaço. Já vivi outros momentos de estagnação e outros de empolgação e muitas vezes foram confrontados com a falta de interesse, indisciplina e que me fizeram recuar, me frustrando, abafando meus ideias. Mas ter gás para tentar mais uma vez faz parte dessa trajetória e recuar é também repensar estratégias. Não posso desistir e me tornar aquilo que mais repugno na profissão, professor acomodado, que não cumpre seu papel e ainda odeia o aluno! Sei que as dificuldades são muitas, mas a minha realidade diante de tantas outras ainda me permite sonhar e realizar o possível dentro da sala de aula como professora e agora também como estudante. Sei que a caminhada será longa e com muitos obstáculos, já enfrento alguns, como a distância e as longas horas de deslocamento, mas o desejo de superar é maior! Sempre achei que o trabalho, seja ele qual for, tem que ser realizado com prazer e estar em sala também envolve isso.